



Séverine

Uma vida de luta pela Paz, pela Justiça e pela Fraternidade

ILDA SOARES DE ABREU*

Anarquista. Libertária. Revolucionária. Socialista. Pacifista. Aguerida nas convicções, fez do jornalismo a arma de luta pela proteção social de trabalhadores/as e pelo direito das mulheres à educação, ao divórcio e ao aborto legal. No princípio do século XX, foi para a rua em protesto e apelo ao combate cívico a favor do voto feminino.

As suas crónicas eram apreciadas e divulgadas em Portugal por Guiomar Torrezão⁽¹⁾ e gozava do apreço de Magalhães Lima (1850-1928), diretor do diário *O Século* (1881-1896) e que a considerava “o mais brilhante e notável talento de mulher que hoje existe em França” (Lima, 1888, pp. 154-155).

* Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Faces de Eva – Estudos sobre a Mulher, ildaabreu2015@gmail.com

1. Guiomar Torrezão (1844-1898), escritora, jornalista, cronista e publicista portuguesa que fundou e dirigiu o *Almanaque das Senhoras* entre 1871 e 1898.

DE CAROLINE RÉMY A SÉVERINE

Caroline Rémy nasceu em Paris, a 27 de abril de 1855, numa família oriunda da Lorena. O pai era funcionário da Prefeitura. Era ruiva e de cabelo encrespado e diz-se que era muito bela.

Caroline, ou Line, teria uma educação tradicional para meninas do seu meio e do seu tempo, destinadas ao casamento ou a um modesto meio de subsistência.

Em 1871 ou 1872, casou-se com Antoine-Henri Montrobert, empregado na Companhia do Gás, de quem teve o filho Louis. Em 1873, separou-se do marido, deixou-lhe o filho e regressou à casa paterna. Durante cinco anos, viveu de lições de piano, de trabalhos de costura e bordados, até que se empregou como *lectrice* de Mme. Guebhard, viúva de origem suíça. O filho desta, Adrien Guebhard (1849-1924), professor de medicina e matemático reconhecido, enamorou-se de Caroline e com ela passou a viver (Winock, 2001).

A união era ilícita – o divórcio só foi restabelecido em 1884 – e, quando do nascimento do filho de ambos, deslocaram-se a Bruxelas para um parto discreto. O consulado de França registava, em 1880, o nascimento de Roland, “né de mère inconnue” (Winock, 2001, p. 554). A criança foi entregue a uma ama até que foi acolhida pela avó paterna.

Tudo parecia indicar que a irrequieta Caroline se iria render ao bem-estar da burguesia, segundo o conceito da época. No entanto, não esqueceu as condições da classe de que era oriunda.

Em Bruxelas, Caroline e Adrien tinham privado com o *communard* Jules Vallès⁽²⁾ que, depois da amnistia de 14 de julho de 1880, regressava Paris e ao convívio com o casal Guebhard, com quem teria afinidades políticas.

Caroline tornou-se secretária particular de Vallès, pessoa socialmente pouco recomendável e de quem Mme. Guebhard a quis afastar.

Vallès era o único apoio para a carreira jornalística com que ela sonhava. Em desespero, recorreu ao suicídio (ou simulação), com um tiro de revólver,

2. Jules Vallès (1832-1885), jornalista, cronista e repórter libertário. Foi, muitas vezes, preso por publicar artigos adversos à situação política. *Communard*, foi condenado à morte por contumácia, em 1872, pelo que se exilou em Londres e, depois, em Bruxelas. Em 1871, tinha fundado *Le Cri du Peuple*, quotidiano de extrema esquerda que, durante a Comuna, foi o jornal mais lido em Paris, com uma tiragem de 100 000 exemplares. Durante o exílio em Bruxelas, escreveu a trilogia autobiográfica *L'Enfant*, (1878), *Le Bachelier* (1881) e *L'Insurgé* (1886).

para sensibilizar a família. Segundo dizia, tinha a bala alojada nos pulmões. A história dava-lhe um toque de heroína romântica com muito êxito nos salões.

Vencidas as resistências, aliou-se, mais do que nunca, aos projetos de Vallès. O casamento não iria resistir à aventura.

SÉVERINE JORNALISTA E CRONISTA

A lei de 29 de julho de 1881 estabelecia a liberdade de imprensa. Com o apoio financeiro de alguns amigos, entre eles os Guebhard, Vallès relançava, a 28 de outubro de 1883, *Le Cri du Peuple*, “quotidien littéraire et politique, non sectaire, récusant les étiquettes, sauf celle – non affiliée – de socialiste révolutionnaire” (Winock, 2001, p. 554).

Nesse jornal, Caroline ensaiou as primeiras crónicas, sem êxito. Tornou-se conhecida numa rubrica literária e teatral intitulada “Notes d’une parisienne”, em que assinava com o pseudónimo “Séverine” (Winock, 2001).

Quando Vallès faleceu, a 15 de fevereiro de 1885, sucedeu-lhe como diretora do jornal, continuando as diretrizes do mestre, em crónicas e reportagens de rua em que, numa escrita crua e direta, se debruçava sobre factos verídicos e vivências de pessoas concretas, para denunciar as terríveis condições em que trabalhava e sobrevivia o operariado. Passou a ser considerada como uma voz em defesa dos fracos contra os poderosos da riqueza e/ou da política. Nesse sentido, não hesitou em descer às minas de St. Étienne para, depois, em crónicas, “chamar para os infelizes mineiros a atenção de todas as classes sociais e a consideração especial dos poderes públicos” (Lima, 1888, p. 155).

Essas experiências ditaram-lhe um percurso e uma divisa: sempre ao lado dos pobres, apesar dos seus erros, apesar dos seus crimes.

Em 1888, já considerada no meio jornalístico, Séverine deixou a direção do jornal, depois de uma polémica com o teórico socialista Jules Guesde⁽³⁾. Passou a publicar em jornais de diferentes correntes ideológicas: *L’Éclair*, *L’Écho de Paris*, *Le Gaulois*, *Gil Blas* e *La Libre Parole*, que aproveitaram a clientela de leitores da conhecida libertária.

3. Jules Guesde (1845-1922), socialista, fundador de *L’Égalité* (1877-1883), o primeiro jornal marxista publicado em França. Foi também um dos fundadores do Partido Socialista Francês.

Em mais de quatro mil crônicas, deu a face por questões polêmicas como o direito ao aborto: no artigo de opinião “Le droit à l’avortement”, publicado no quotidiano *Gil Blas*, a 4 de novembro de 1890, traçou um vivo retrato da miséria familiar das operárias, denunciando a hipocrisia social e institucional em relação às práticas abortivas (Eveno, 2010).

Por volta de 1885, tinha-se envolvido, sentimentalmente, com o jornalista Georges Labruyère. Guiomar Torrezão, que o conheceu em Paris, descreveu-o como “baixo, atarracado, de fisionomia dura, embora sagaz e de medíocres aptidões plumitivas na sua esfera de jornalista militante” (Torrezão, 1896, p. 13).

Em 1896, Labruyère, “um explorador, um imoral, que sugava luíses de oiro aos imbecis como Max” (*Ibidem*, p. 14), foi acusado de envolvimento num caso de chantagem a Max Lebaudy, um comerciante corrupto, e foi preso. O caso provocou uma guerrilha jornalística entre Séverine, em *La Libre Parole* apoiando Labruyère, e Rochefort⁽⁴⁾, em *L’Intransigent*, que o condenava.

O caso chegou à imprensa portuguesa, e Guiomar Torrezão colou-se à defesa emocional da amiga. Quando Marguerite Durand⁽⁵⁾ fundou o jornal *La Fronde*, Caroline Rémy Guebard ali publicou crônicas abertamente libertárias sob os pseudónimos de “Séverine” e “Arthur Vingtras” nome do protagonista da tetralogia de Jules Vallès.

Em 1927, alinhava na campanha a favor de Sacco e Vanzetti, anarquistas condenados à morte, já depois de testemunhadas as suas inocências.

ENVOLVIMENTO POLÍTICO

Claro que havia objetivos políticos expressos nas crônicas de Séverine. Ignorando a tão festejada coerência, cedeu a entusiasmos de ocasião, por vezes contraditórios. Foi, por algum tempo, boulangista, alinhou no movimento antissemita em *La Libre Parole*, de Drumont, depois mostrou-se

4. Henri Rochefort (1831-1913). *Communard*, foi deportado para a Nova Caledónia, de onde se evadiu, em 1874. Reentrou em Paris depois do armistício, em 1880. Fundou o quotidiano *L’Intransigent*, que contava com cerca de 20 000 leitores. Manifestou-se antissemita e *antidreyfusard* (Eveno, 2010).

5. Marguerite Durand (1864-1936), jornalista republicana e socialista, defensora da igualdade de direitos. Fundou o jornal *La Fronde*, o primeiro quotidiano feminista concebido, escrito e impresso por mulheres (Klejman e Rochefort, 1996).

acérrima defensora de Dreyfus, em sintonia com *La Fronde* de Marguerite Durand. Pacifista, tomou posições contra o envolvimento da França na I Guerra Mundial. Em 1918, aderiu à SFIO (*Section Française de l'Internationale Ouvrière*), que abandonou, em 1921, para se filiar no Partido Comunista Francês, cujas teses lhe pareceram mais conformes à mudança político-social que defendia. Saiu, logo, em 1923, quando a disciplina partidária lhe impôs o abandono da Liga dos Direitos do Homem que ela tinha ajudado a fundar.

A QUESTÃO DAS MULHERES

Por toda a Europa, apóstolas da causa feminista, em posições económicas e sociais privilegiadas, envolviam-se em associações e movimentos reivindicativos dos direitos das mulheres, recorrendo a ações mais ou menos radicais. Em França, Hubertine Auclert (1848-1914) fundara, em 1876, a sociedade *Le Droit des Femmes* e, depois, *La Citoyenne* (1881-1891), jornal de combate pela igualdade civil e política, sem discriminação de sexos.

Então, Séverine preocupava-se com as questões sociais que envolviam a dignidade humana e não via no voto feminino qualquer utilidade para a classe operária. A opressão de que falavam as feministas poderia atingir todas as mulheres mas evidenciava-se diferentemente. Para aquelas, as questões fundamentais referiam-se à emancipação legal e económica e ao acesso a carreiras políticas. Para as operárias eram outros os problemas: baixos salários, miséria familiar, natalidade frequente, aborto, infanticídio e, por vezes, a prisão. Temas que as crónicas de Séverine levavam à consciência pública.

A SUFRAGISTA

Em 1900, realizava-se em Paris o Congresso Internacional da Condição e dos Direitos das Mulheres, sob a égide de Marguerite Durand. Participantes de ambos os sexos e de vários países ali se reuniram em defesa dos direitos civis e políticos das mulheres em diversos domínios da atividade humana. Defendeu-se que a mudança passaria pelo sufrágio feminino. Em 1908, Hubertine Auclert publicava *Le Vote des Femmes* e, em 1909, Cécile

Brunschvicg (1877-1946) era a mentora da *Union française pour le suffrage des femmes*.

Séverine reagiu contra a prescrição da lei eleitoral do Parlamento francês que, em 1910, vedava o voto à mulher instruída, quando o facilitava a qualquer homem, ainda que incapaz e quase analfabeto. No semanário *Nos Loisirs*, declarou-se publicamente a favor do voto das mulheres e passou à ação encabeçando desfiles de sufragistas pelas avenidas de Paris.

No sentido de fortalecer o movimento, tentou unir as associações sufragistas francesas entre si e numa federação internacional, sem resultado.

Só em 1945, as francesas votariam para a Assembleia Constituinte.



Labruyère faleceu em 1920. Séverine voltou a viver com o marido, Adrien Guebhard, até à morte deste, em 1924. Faleceu a 24 de abril de 1929, na sua casa em Pierrefonds. Escreveu até ao fim da vida, mantendo o espírito livre e revoltado, inimigo de todo o dogmatismo (Klejman e Rochefort, 1996).

ALGUMAS OBRAS PUBLICADAS POR SÉVERINE

1893. *Pages rouges*. Paris: H. Simonis Empis.

1894. *Notes d'une frondeuse: De la Boulangerie au Panama*. Préf. Jules Vallès. Paris: H. Simonis Empis.

1896. *En marche*. Paris: H. Simonis Empis.

1900. *Affaire Dreyfus: Vers la lumière ... impressions vécues*. Paris: Stock.

1921. *Line: 1885-1867*. Paris: Crès.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Klejman, L. & Rochefort, F. (1996). La Fronde. Marguerite Durand. Séverine (Caroline Rémy). In J. Julliard e M. Winock (Dir.), *Dictionnaire des intellectuels français* (pp. 408-409, 514-515 e 1055-1056, respetivamente). Paris: Éditions du Seuil.

-
- Lima, S. M. (1888). *Pela pátria e pela república*. Porto: Casa Editora Alcino Aranha & Ca.
- Patrick, E. (2010). *Les grands articles qui ont fait l'histoire*. Paris: Flammarion.
- Torrezão, G. (1896, n.º 2, janeiro, 31), *A crónica*. Lisboa: Ed. António Maria Pereira, pp. 11-14.
- Winock, M. (2001). *Les voix de la liberté. les écrivains engagés au XIX siècle*. Paris: Éditions du Seuil.